

## Associação Galega da Língua

Rua de Emílio e Manuel, 3  
15702 Santiago de Compostela  
comissom-linguistica@agal-gz.org  
presidencia@agal-gz.org



Exmos/as. senhores/as:

A Associação Galega da Língua (AGAL) visa fornecer por este meio à vossa entidade algumas indicações acerca das formas corretas e atualizadas dos topónimos localizados na Galiza. Este trabalho resulta da apreciação de algumas inconsistências a este respeito em textos escritos em língua portuguesa.

Como é do vosso conhecimento, várias regiões autónomas de Espanha contam com línguas próprias em estatuto de cooficialidade: o catalão, o galego e o basco. No caso concreto dos nomes de lugar tem-se tornado consensual o uso do topónimo na forma que apresenta na língua própria ou autonómica, quer o texto esteja escrito numa destas línguas quer em castelhano. Por exemplo, encontraremos cada vez mais a forma galega *Ourense*, e não a sua adaptação castelhana *Orense*. A legislação autonómica galega<sup>1</sup> deu uma dimensão legal à cada vez maior sensibilização social a este respeito. Assim, *Vivero* ou *Cabañas* passaram a *Viveiro* ou *Cabanas*.

O caso dos topónimos galegos parece-nos particularmente relevante para a comunicação social escrita em português, uma vez que a forma deles é substancialmente coincidente com a de outras localidades em territórios de língua oficial portuguesa. Nas últimas décadas, a Xunta de Galicia regularizou os topónimos, devolvendo-lhes a sua forma galega.

### **O que se observa na atualidade nos meios escritos lusófonos?**

Devido à complexidade do plurilinguismo em Espanha, é natural que nem sempre se escolham as formas mais atualizadas e corretas dos topónimos.

---

<sup>1</sup> Decreto 132/1984, do 6 de setembro, pelo que se estabelece o procedimento para a fixação ou recuperação da toponímia de Galiza (DOG do 21.09.1984).

Nalguns casos a atenção a este ponto é desnecessária, por existir uma tradição consolidada de uso destes nomes em português, por exemplo para a cidade da *Corunha* e para o corónimo *Galiza*.

**Nos casos restantes, observam-se duas tendências:**

- a) Muitos nomes de localidades ainda aparecem referidos em textos portugueses com a forma castelhana, de maneira que divergem quer da forma galega popular — e oficial —, quer de uma esperável adaptação gráfica ao português: *Orense* (atual *Ourense*), *Tuy* (atual *Tui*) ou *La Guardia* (atual *A Guarda*).
- b) Noutros textos verifica-se alternância da forma obsoleta (*Noya*, *Puentes*) e da atualizada (*Noia*, *Pontes*), que até poderão aparecer das duas maneiras na mesma publicação.

**O que é que a AGAL aconselha?**

- a) Evitar as formas castelhanizadas: o uso dos topónimos castelhanizados é sentido como desrespeitoso por muitos habitantes dessas localidades, nomeadamente quando aparecem em textos portugueses ou brasileiros, onde esses nomes também costumam existir com idêntica forma. *Celeiro* e não *Cillero*.
- b) Usar as formas galegas: o uso das formas galegas pode fazer-se quer na ortografia oficial, quer na sua adaptação à ortografia portuguesa, que no essencial é a ortografia histórica do galego. Na lista que acompanha este documento irão encontrar os nomes de todos os concelhos da Galiza grafados segundo estas duas opções. Devemos assinalar que na própria Galiza há quem opte pelas formas «reintegracionistas» (as promovidas pela nossa associação), no sentido convergir com as atuais lusófonas<sup>2</sup>.

Com os melhores cumprimentos,

Vítor Meirinho

Secretário da Comissão Linguística da AGAL

---

<sup>2</sup> Por exemplo, *Villarino* seria a forma castelhanizada descartada, podendo-se optar quer por *Vilariño* (forma galego-portuguesa com a ortografia oficial do galego) ou por *Vilarinho* (forma com ortografia portuguesa usada pelos/as reintegracionistas galegos/as).